

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS:  
CONTEXTOS DE APRENDIZAGEM E TECNOLOGIAS**

**JAQUELINE HANSEN**

**O ENSINO DA LÍNGUA ADICIONAL ATRAVÉS DE UMA PROPOSTA DE  
LETRAMENTO**

**SÃO LEOPOLDO**

**2016**

Jaqueline Hansen

**O ENSINO DA LÍNGUA ADICIONAL ATRAVÉS DE UMA PROPOSTA DE  
LETRAMENTO**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em 2016, pelo Curso de Especialização em Estudos de Línguas Estrangeiras: contextos educacionais e tecnologias da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientador(a): Prof(a). Dra. Márcia Del Corona.

São Leopoldo

2016

Dedico este trabalho aos meus pais Claudio e Anastácia, que sempre me ensinaram o valor dos estudos e me incentivaram sempre a buscar novos saberes.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus pela oportunidade de buscar aprimoramento profissional e de me tornar uma professora mais qualificada a cada dia, através das vivências acadêmicas e da convivência com colegas e professores do curso.

À minha família, especialmente a meus pais, que são meu porto seguro e estão sempre me apoiando e incentivando a buscar novos saberes e a realizar meus sonhos.

Ao meu noivo Lucas, que sempre esteve ao meu lado, me motivando na realização de minhas metas profissionais e que soube se mostrar paciente e companheiro, usando sempre palavras motivadoras nos momentos em que mais precisei.

À minha querida orientadora Márcia Del Corona, por contribuir com seus conhecimentos, agregando seus saberes para meu crescimento profissional, acadêmico e pessoal.

Aos meus amigos que entenderam minha ausência nos diferentes momentos.

Aos professores que conheci durante o curso e que deixaram marcas significativas que serão guardadas com muito carinho.

Aos meus colegas de curso, que me oportunizaram novas amizades e finais de semana de aprendizados, sempre com muito lanche e um chimarrão acolhedor.

Finalizo agradecendo meu espaço de trabalho e meus alunos, que me incentivam na busca de novos saberes, assim como me inspiram para novas práticas em sala de aula.

“A educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas.

E pessoas mudam o mundo”.

(Paulo Freire)

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo proporcionar uma reflexão sobre o ensino de línguas adicionais a partir de uma proposta de letramento, para futura execução em uma turma de 2º ano em um contexto educacional bilíngue. Para isso, o estudo aborda os conceitos de letramento social, língua adicional e características do currículo bilíngue. Pesquisadores e autores da área como Leffa e Irala (2014), Schlatter e Garcez (2012), Dias (2015) dentre outros, assim como os Parâmetros Curriculares Nacionais serviram de referencial teórico para a pesquisa desenvolvida. Após a reflexão sobre os diferentes conceitos estudados, uma proposta de aula de culinária foi planejada para futura realização, a fim de refletir sobre as possibilidades de se desenvolver uma proposta de letramento social em língua adicional.

**Palavras-chave:** Língua Adicional. Letramento. Currículo Bilíngue. Aula de Culinária.

## **ABSTRACT**

This paper aims to show the reality of additional language teaching from a proposal of literacy for future implementation in a class of 2nd year of Elementary School in a bilingual educational context. This work also discusses the concepts of social literacy, additional language and organizational characteristics of the bilingual curriculum. Researchers and authors of the area as Leffa and Irala (2014), and Schlatter and Garcez (2012), Dias (2015) among others, as well as the National Curriculum Parameters provided the theoretical basis for the research developed. After reflection on the different concepts studied, a proposal of a cooking class was planned for future development, to reflect on the possibilities of developing a proposal for social literacy in an additional language class.

**Key-words:** Additional language. Literacy. Bilingual Curriculum. Cooking class.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2 O ENSINO DE LÍNGUAS ADICIONAIS.....</b>	<b>10</b>
<b>2.1 Conceito de Língua Adicional .....</b>	<b>16</b>
<b>2.2 Língua Adicional como proposta de letramento .....</b>	<b>18</b>
<b>2.3 As aulas de Língua Adicional.....</b>	<b>20</b>
<b>3 EDUCAÇÃO BILÍNGUE E A CONSTRUÇÃO DE UM CURRÍCULO .....</b>	<b>23</b>
<b>4 A ESCOLA VIVER .....</b>	<b>26</b>
<b>4.1 A turma e as aulas de Língua Adicional.....</b>	<b>29</b>
<b>4.2 Proposta de tarefa: aula de culinária.....</b>	<b>31</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>38</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>40</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Desde minha infância tive o desejo de ser professora. Nas brincadeiras com amigos já me imaginava numa sala de aula, na qual eu ensinava aos alunos matemática e artes, e adorava criar diferentes situações de aprendizagem. Cursei o ensino médio com habilitação em Magistério, me formei e logo ingressei na faculdade de Pedagogia na UNISINOS. Durante muitos anos fui professora de educação infantil. Na escola onde lecionava, havia um projeto extracurricular de língua inglesa, no qual eu acompanhava meus alunos durante o seu desenvolvimento.

Estudei inglês por muitos anos, pois era algo que me motivava. Antes de finalizar a graduação, tive a oportunidade de participar de um intercâmbio para a Nova Zelândia. Ao visitar outro país, vivenciei diferentes situações e pude aprender de diferentes formas: na escola onde estudei, em minhas experiências de trabalho, em diferentes contextos e com amigos. Depois de um ano de diferentes vivências no aprendizado da língua adicional, tive a oportunidade de trabalhar em uma escola de educação infantil privada, no mesmo país. A instituição era pequena e um grupo de 20 alunos de faixas etárias diversas frequentava a escola por dia.

Naquela oportunidade pude vivenciar o ensino de língua inglesa para crianças nativas na educação infantil. A escola tinha uma proposta pedagógica diferente, na qual eram oportunizados diferentes espaços e propostas em uma sala de aula grande: atividades de artes, de contação de histórias, de culinária, entre outras. As crianças tinham autonomia para fazer suas escolhas e participar da proposta que mais lhes interessava, em diferentes momentos do dia.

Assim puder conviver durante dois anos em um meio educacional que contemplava o interesse do aluno e que buscava ensinar através de propostas múltiplas. Os professores planejavam de forma coletiva e cada um executava as ideias planejadas, nem sempre ao mesmo tempo, a fim de que as crianças pudessem experienciar propostas de diferentes áreas do conhecimento.

Nesta escola aprendi muito com os alunos e colegas professoras, que me auxiliavam nas dúvidas e me encorajavam a trazer ideias de minha realidade para o contexto deles. Ao retornar ao Brasil, finalizei a graduação em Pedagogia e também iniciei minha trajetória como professora de Língua Inglesa em uma escola de Currículo Bilíngue próximo a cidade onde moro.

Ao ingressar na escola, pude observar algumas professoras em sua atuação em sala de aula, a fim de conhecer a metodologia de trabalho da escola e de que forma o currículo era estruturado. Como nunca havia estudado teorias sobre o ensino e a aprendizagem de línguas adicionais, ingressei na Especialização em Ensino de Línguas Estrangeiras: Contextos de Aprendizagens e Tecnologias da UNISINOS. Esta pós-graduação me ajudou a compreender questões teóricas e práticas do ensino de línguas adicionais e me fez refletir sobre minhas práticas em sala de aula.

Através da teoria, pude refletir sobre minha atuação no dia a dia, assim como aprimorar minhas aulas. A especialização despertou o desejo de repensar o porquê de se aprender uma língua e quais as suas funções para os alunos com quem atuo em sala de aula. Por fim, trago essa monografia como um empreendimento pessoal, a fim de trazer para a prática o que no dia a dia vivencio e aprendo com meus alunos, objetivando sistematizar as práticas sociais que vivenciamos em sala de aula e buscar relacioná-las com a teoria aprofundada no curso.

Este trabalho é organizado da seguinte forma: a introdução traz uma narrativa da minha trajetória no meio educacional e o que me motivou a realizar este trabalho de conclusão de curso. O segundo capítulo tem como objetivo situar o leitor sobre o ensino de Línguas Adicionais (LA) no contexto brasileiro, através de estudos de autores e documentos. Para isso, abordará o conceito de língua adicional, letramento e aspectos das aulas de LA, a fim de nortear as diferentes perspectivas que guiaram o trabalho. O terceiro capítulo aborda a organização de um currículo bilíngue, assim como características da educação bilíngue, para que o leitor se familiarize com o contexto que serviu de ponto de partida para a reflexão da proposta pedagógica desenvolvida.

O quarto capítulo tem como propósito explicar características da organização da escola e o perfil do grupo para o qual a tarefa foi planejada. Logo após, descrevo a proposta de letramento planejada para futura execução em uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental e apresento minhas considerações finais do trabalho realizado.

## 2 O ENSINO DE LÍNGUAS ADICIONAIS

O ensino de línguas adicionais (LA) no Brasil sempre foi uma questão muito discutida entre os brasileiros. Diferentes ideias perpassam no meio educacional em relação ao ensino e aprendizagem de uma língua adicional nas escolas, sejam elas públicas ou privadas. Muitos argumentam o quanto é difícil aprender uma LA nas escolas ao destacarem uma série de dificuldades encontradas no contexto escolar do nosso país, como o escasso número de aulas para essa disciplina contemplado nos currículos, a falta de material didático e o elevado número de alunos por sala.

O número de aulas que são propostas nas escolas, por vezes, impossibilita um aprendizado satisfatório nas aulas de línguas adicionais. Em muitas escolas são oportunizados um ou dois períodos semanais para a disciplina, de 45 a 50 minutos por aula. Neste curto tempo reservado para essa aula, os professores ainda precisam se organizar com questões de rotina do cotidiano escolar, como: troca de salas entre os professores e/ou alunos, momentos de hora cívica coletiva na escola, organização de materiais escolares, entre outros. Isso faz com que as aulas fiquem mais curtas e o professor ainda precise explorar esse tempo de forma dinâmica e criativa.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (BRASIL,1998) acrescentam ainda alguns aspectos trazidos como problemas que os professores enfrentam ao ensinar uma língua adicional nas escolas. A falta de materiais adequados e classes numerosas são algumas complicações com as quais deparam - se muitos educadores.

A falta de materiais adequados como retroprojeter, telas interativas, internet, rádio e até mesmo a ausência de máquinas copiadoras, demanda um empenho maior do professor para realizar aulas dinâmicas, motivadoras e que possibilitem trabalhar o ensino da LA em sala de aula. As condições precárias de alguns estabelecimentos de ensino desfavorecem, por vezes, propostas de maior qualidade, assim como demandam grande habilidade do professor para lidar com imprevistos gerados pelo mal funcionamento de equipamentos ou até mesmo pela falta deles.

Desde 2010, o Governo Federal implantou o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), que se preocupa em fornecer livros didáticos às escolas públicas, a fim de oportunizar o ensino da língua através de um material escolhido pelos

educadores, e que foi produzido por pesquisadores/educadores qualificados, conforme critérios estabelecidos pelas leis educacionais brasileiras para o ensino de uma LA. Este material didático oportuniza ao professor trabalhar o aprendizado da língua através de diferentes propostas, como, diferentes gêneros textuais, canções, tarefas didáticas, entre outras, o que favorece o planejamento dos professores ao não necessitarem criar tantos materiais didáticos complementares, como acontece quando todas as tarefas precisam ser elaboradas por eles.

Porém, em muitos contextos escolares, apesar de os professores receberem o material pré-selecionado por eles mesmos, esses livros não são utilizados pelo professor e acabam por ficar no espaço escolar sem finalidade, pois alguns professores preferem utilizar materiais criados por si e não manusear o livro didático, já que alguns livros não suprem as necessidades de algumas salas de aula ou as propostas não condizem com o nível de conhecimento dos alunos que os utilizarão. Da mesma forma, em algumas realidades não é permitido ao educando apropriar-se do material didático e levá-lo para casa, mesmo que seja de direito do aluno, já que ele é fornecido nas escolas de forma gratuita e consumível.

Um número elevado de alunos por turma é uma realidade visível no contexto escolar brasileiro. Ter que lidar com salas de aula superlotadas é uma missão diária para diversos professores. Com isso, os docentes enfrentam o desafio de ter que desenvolver um olhar individualizado para cada um desses alunos e buscar promover o aprendizado da LA por meio de tarefas didáticas que viabilizem o envolvimento de cada um desses inúmeros alunos em sala. Essas questões interferem no planejamento e no andamento das aulas. Os professores precisam enfrentar esses desafios para promover uma aula de língua adicional de qualidade e, assim, desenvolver os objetivos de sua disciplina. Mesmo que os professores demonstrem desejo de ensinar, dedicação e empenho, essas dificuldades permeiam a realidade do ensino e aprendizagem de LAs no Brasil.

O pouco tempo dedicado às aulas de LAs e o alto contingente de alunos nas salas de aula dificultam de forma significativa o desenvolvimento das quatro habilidades (compreensão leitora e auditiva e produção oral e escrita) em sala de aula. Dias (2015, p. 91) enfatiza que “comentam-se as dificuldades de ensinar a modalidade oral nas escolas regulares, considerando o elevado número de alunos por turma, a falta de recursos, carga-horária, dentre outras variáveis”. Com isso, a autora ressalta o quanto é difícil as escolas oportunizarem a cada aluno um

momento para interagir com seus pares de forma oral utilizando a língua alvo. Já em outros meios educacionais os professores acreditam que saber uma língua é saber a gramática e fazem com que o aluno desenvolva habilidades de leitura e escrita para utilizarem estes conteúdos.

Irala e Leffa (2014, p. 267) enfatizam que,

[...] produção oral deveria sim ser prioritária em um ensino verdadeiramente inclusivo de línguas, especialmente levando em conta que a mobilidade de bens e de pessoas na atualidade têm levado ao surgimento de entraves/disputas e oportunidades localmente situados, em que há evidências concretas da necessidade de uso oral das línguas [...].

Os autores apontam o quanto o ensino da habilidade oral, que por vezes é deixado de lado, mostra-se essencial em diferentes situações na atualidade. Ao realizarem uma entrevista de emprego, ao interagirem com pessoas de outros países e em situações de trabalho que possibilitem interações em uma LA, as pessoas passam a perceber a importância da habilidade oral, que deveria a cada dia ser mais valorizada e explorada em sala de aula.

Vinhas (2009) apud Irala e Leffa (2014) discute um estudo realizado em um contexto educacional que descreve o quanto ainda se percebe o desinteresse pela interação oral nas escolas e mostra que muitos professores ainda se preocupam em ensinar somente questões metalinguísticas. O estudo traz o quanto a habilidade oral ainda é deixada de lado por se mostrar mais desafiadora de ser trabalhada dentro das salas de aula atuais e que o foco nas questões gramaticais, assim como no ensino das habilidades de leitura e escrita ainda são norteadoras do trabalho para o ensino de LA para muitos docentes.

Porém, por mais que o professor seja responsável por promover atividades significativas e motivadoras e tentar mostrar aos alunos a importância do aprendizado de LA nas escolas, ele não deve carregar a responsabilidade sozinho de alcançar todos os objetivos propostos pela escola. Por isso, o professor precisa estar ciente de que é necessário cumprir com suas responsabilidades em sala de aula, mas que isso é uma parte de todo o contexto que leva o aluno a ter a oportunidade de aprender ou não uma LA na escola. O desejo de promover o aprendizado de diferentes habilidades em sala de aula, muitas vezes, causa

angústias nos professores, pois sentem-se impossibilitados de trabalhar a habilidade oral de forma satisfatória em sala de aula, devido aos motivos já citados.

Os PCNs (BRASIL, 1998) também apresentam outro registro de demandas encontradas: a LA é oferecida em apenas uma ou duas séries do ensino fundamental (5º e/ou 6º anos), apesar de muitos alunos terem o objetivo de prestarem vestibulares ou provas de processos seletivos que incluem questões de língua adicional ou, ainda, obterem um bom desempenho na prova do ENEM, o que lhes garante acesso a algumas universidades.

Em muitas escolas, o ensino da LA é oferecido a partir do 5º ano do ensino fundamental em uma língua e depois passam a ensinar outra, o que dificulta o aprendizado contínuo de uma língua, assim como valorizá-la como instrumento importante em sua vida. Algumas escolas se preocupam em ensinar a língua apenas para os alunos prestarem vestibulares e participarem de processos seletivos, focando exclusivamente no aprendizado de aspectos linguísticos e esquecendo de mostrar o uso da LA em sociedade com o objetivo de participação nas práticas sociais diárias.

Souza e Dias (2010, p. 5) salientam que,

Vale lembrar que, muito mais do que uma simples aula de regras gramaticais, as aulas de LE podem ser extremamente ricas, à medida que abrem espaço para que o estudante possa construir/reconstruir sua carga cultural e linguística.

Os alunos precisam estudar e compreender sobre os aspectos linguísticos da LA, porém não devem deter-se em só compreender a gramática. Precisam vivenciar situações que façam com que reflitam sobre diferentes aspectos de sua realidade social através da língua inglesa, através de textos autênticos, músicas e situações que lhes permitam utilizar a LA para argumentarem, expressarem-se e falarem sobre e através da língua.

Souza e Dias (2010, p. 5) corroboram com a ideia de que “o professor deve tentar fazer com que seus alunos compreendam a importância de estudar a LE para sua vida, fazendo com que assimilem a relevância da disciplina nas escolas”. Mesmo que transpareçam as inúmeras dificuldades relatadas anteriormente, o professor deve estar preparado para enfrentar tais desafios e tentar mostrar a

relevância do aprendizado de uma LA em nosso meio social. Portanto, devem ser oportunizados diferentes meios para mostrar o quanto a LA é importante na vida do educando ao contextualizar o seu ensino em aula. É preciso mostrar que o aprendizado desta língua ultrapassa os saberes da sala de aula.

Celani (2009) afirma que o professor deve relacionar o ensino na sala de aula ao que acontece fora da escola, utilizando letras de músicas, rótulos de produtos, textos de jornais, estampas de camisetas, etc. É preciso fazer relações com a realidade do aluno, as quais o permitam estabelecer significado quanto ao uso da LA em seu meio, e assim o professor poder estimular, despertar e também valorizar o aprendizado, ao estabelecer conexões dentro do contexto em que vive. Para isso, os PCNs (1998) norteiam nosso trabalho em sala de aula. Essas diretrizes nos trazem aspectos importantes a serem considerados no meio educacional, como as habilidades relevantes e possíveis de se ensinar nos diferentes níveis de ensino e contextos educacionais brasileiros para contemplar conteúdos sobre diferentes áreas do conhecimento.

Os PCNs (1998) em línguas estrangeiras também apresentam diferentes contribuições para uma educação voltada aos interesses dos alunos, tais como: desenvolvimento de habilidades comunicativas e ampliação cultural, compreensão de diferentes formas de comunicação e de variabilidade dialetal e adequação linguística de acordo com o ambiente em que o sujeito está inserido. Partindo da utilização deste documento como orientação educacional, a expectativa seria de que as aulas de línguas adicionais pudessem oportunizar vivências nas quais a habilidade comunicativa fosse prioritária. Deveriam ser realizadas tarefas que desenvolvessem esta habilidade de forma significativa, assim como a contextualização desta habilidade junto a propostas que pudessem respeitar a realidade educacional em que o educando está inserido, para assim, alcançar o principal objetivo do ensino de língua adicional nas escolas: reconhecer a língua em diferentes situações do meio e fazer uso da LA como função social.

Frente a essas dificuldades cresce o número de crianças, adolescentes e adultos que procuram por cursos livres de idiomas ou de escolas que proporcionem outras possibilidades de ensino de uma LA, mesmo que o acesso a estas instituições, com diferentes propostas e metodologias não garantam o aprendizado de uma LA. Esses espaços procuram oportunizar aulas com ênfase na habilidade oral, a fim de que seus alunos possam aprender de forma eficaz e que se sintam

com propriedade para comunicar-se na língua alvo e fazer uso da LA em seu contexto de interesse, já que na escola isso acontece de forma mais lenta e dentro das possibilidades já descritas, segundo os dados anteriormente relatados.

É relevante questionarmos, então, de que forma podemos proporcionar na escola a possibilidade de os alunos aprenderem uma LA para agirem ativamente em nosso meio social. Os PCNs demonstram o quanto é importante incluir as línguas estrangeiras dentro do currículo ao selecionar a língua escolhida pelo sentido que a língua faz para a comunidade ou por fatores relacionados à tradição. Ao escolher uma LA nas escolas é importante verificar o sentido desta língua para o seu meio escolar, seja a partir de uma língua ainda cultivada na região ou ainda uma língua que seja importante na história da cidade, para que a criança perceba o valor que possui para seu contexto e assim estimular o seu aprendizado.

É importante contextualizar a LA dentro do meio cultural das crianças para que os aprendizes possam perceber o uso da LA. Schlatter (2009) enfatiza a ideia de que o ensino de línguas adicionais em uma escola tem como objetivo principal a formação de um cidadão capacitado a agir em cenários de grandes diversidades, assim como promover o letramento do educando no mundo mais amplo.

É preciso pensar de que forma é possível promover o aprendizado de uma língua adicional, através de tarefas significativas, propostas de letramento, para que realmente o aluno possa apropriar-se desta língua e fazer uso dela em seu meio de maneira significativa. É importante que diferentes práticas em sala de aula possam promover a leitura do mundo para o educando, a fim de que ele traga para sua realidade seu aprendizado em LA e que ele possa agir no meio de forma crítica e construtiva, que possa aplicar essa língua para interagir em diversas situações do seu cotidiano.

Com isso, muitas escolas particulares e cursos livres oportunizam o aprendizado da LA a fim de promover o ensino de línguas em contextos que promovam o aprendizado de forma a trazer outras perspectivas de aprendizagem, já que muitas vezes, nesses locais, as condições de ensino, o número de alunos mais reduzido e as possibilidades de aprendizagem são possíveis de forma mais eficaz, através de recursos que também possibilitam que os professores oportunizem aulas que incentivam o aprendizado da língua adicional.

Na próxima seção, busco trazer o conceito de língua adicional, para que a escolha do uso desta nomenclatura neste trabalho seja compreendida, assim como para que se conheça as razões da sua utilização nos meios acadêmicos.

## 2.1 Conceito de Língua Adicional

Diferentes conceitos permeiam no meio educacional ao discutirmos sobre língua adicional. Ao ensinarmos outra língua precisamos refletir sobre de que maneira ela fará parte de nosso meio, de que forma ela estará presente em nossa realidade, pois segundo Leffa e Irala (2009, p.31) “o fato de não ser apenas uma língua, mas outra língua, cria relações com a língua que já temos e de como devemos conceituá-la”. Portanto, precisamos pensar na língua como algo que agregue àquilo que já nos pertence, que faça com que tenhamos a possibilidade de refletir sobre nossa língua e, assim, adicioná-la a nosso meio. Para isso, utilizamos o termo língua adicional, que nos traz a perspectiva de que,

Falar uma língua adicional em vez de uma língua estrangeira enfatiza o convite aos educandos (e educadores) para que usem essas formas de expressão para participar na sua própria sociedade. (...) esse convite também envolve a reflexão sobre que língua é essa, de quem ela é e de quem pode ser, a que ela serve, o que cada um tem a ver com ela. (SCHLATTER e GARCEZ, 2009, P.127)

Ao utilizarmos essa nomenclatura nos remetemos a língua como algo que pode ser inserido em nosso meio, e que possamos refletir sobre sua presença e importância em nossa sociedade. Assim, também a relacionamos com nossas perspectivas pessoais, profissionais e sociais. Buscamos trazê-la para nossa realidade e integrá-la como parte de nossa identidade, a fim de que possamos entendê-la como nossa também, a partir de indagações sobre que língua é essa, a quem pertence, ao provocar esses pensamentos e tentar integrá-la a nossas vivências sociais.

Para isso, ressaltamos o que Leffa e Irala (2009, p. 22) trazem como,

Língua adicional trata-se de uma língua que o aluno aprende por acréscimo, além das que ele já sabe e que, por isso, pode ter como ponto de partida outras línguas, o que sugere possivelmente uma convivência pacífica entre

as línguas, já que o domínio de cada uma atende os objetivos diferentes; são conhecimentos que, a priori, não competem entre si, mas se complementam.

Os autores referem-se ao aprendizado da LA como um conhecimento que acrescenta, não como algo estrangeiro, distanciado do indivíduo que tem oportunidade de aprender esta língua adicional. Oportunizar o aprendizado de uma LA na escola é aproximar a língua do aprendiz, fazer com que lhe faça sentido, mostrar-lhe o quanto essa língua permeia os diferentes lugares que ele vive, como através de leituras em camisetas, ao escutar músicas, ao assistir programas de televisão, em diferentes situações contextuais de seu mundo, para que possa perceber o quanto essa língua adicional tem sentido para ele, e não o distancia desses aprendizados. Esse novo conhecimento deve envolver diferentes percepções da língua como um todo: porquê aprendê-la, para que fins, de que forma é vista e vivida esta língua dentro do meio social, de forma a possibilitar ao aluno enxergar as diferentes formas de fazer uso desta língua, a partir de sua língua materna e de sua interação com a língua adicional, que vem a acrescentar, fazer relações e, assim, promover o ensino da LA de forma positiva.

Sendo assim, Schlatter e Garcez (2012) ressaltam, sobre o termo LA, o fato de que “priorizamos o acréscimo dessas línguas a outras que o educando já tenha em seu repertório (língua portuguesa e/ou outras)”. Portanto, propiciar o ensino da LA é promover a reflexão sobre a sua língua e a dos outros, a fim de buscar sentido em sua utilização em seu meio.

Quanto à língua adicional, Leffa e Irala (2014, p. 34) dizem que “seu ensino é um direito individual ao aluno com benefícios para a coletividade”. Hoje, o ensino de uma LA deixou de ser privilégio de poucos, portanto, ao oportunizarmos o seu ensino nas escolas estamos promovendo o desenvolvimento de uma coletividade e auxiliando no desenvolvimento de um país na atualidade (IRALA e LEFFA, 2014). Sendo assim, promover e acreditar no ensino de uma LA na escola precisa partir do pressuposto de que é possível fazer sentido para si e no seu meio. Ao aprender uma língua adicional, oportunizamos aos educandos ampliarem os seus horizontes e suas reflexões, além de permiti-los refletir sobre si e sobre o contexto educacional em que vivem.

Através de uma LA podemos ampliar nossos horizontes e percorrer por diferentes situações que buscam mostrar formas de envolver a língua no aprendizado em diversas situações do cotidiano escolar. A seguir, a LA como proposta de letramento ressalta a relevância do uso da língua como prática social de leitura da nossa sociedade, ao mostrar essa possibilidade na sala de aula de LA.

## **2.2 Língua Adicional como proposta de letramento**

Ao pensarmos em proposta de letramento em Língua Adicional precisamos nos deter em teorias que explicitem o que esse termo nos apresenta, seu significado e relevância, sobretudo nas aulas de língua adicional.

Soares (1999, p. 3) define letramento como “estado ou condição de quem não só sabe ler e escrever, mas exerce as práticas sociais de leitura e de escrita que circulam na sociedade [...], conjugando-as com as práticas sociais da interação oral”. A autora nos mostra o indivíduo letrado como capaz de exercer diferentes funções sociais nos diversos meios em que transita, seja ele seu meio familiar, a sala de aula ou a comunidade na qual está inserido, ao utilizar a leitura e escrita como meio de interagir nesse mundo letrado, de forma autônoma e crítica.

Ao manusear uma bula de remédio e conseguir apropriar-se do que se necessita, ao cozinhar algo e ler uma receita, seja ela impressa ou virtual, ao se fazer um pedido em um serviço de tele-entrega, entre outros, o indivíduo necessita conhecer as formas de organização e estrutura destes itens. Para fazermos uso da leitura e escrita nessas e em outras situações, precisamos estar letrados quanto à maneira de fazer uso das habilidades para interagir nessas situações. Precisamos conhecer as formas de interação nesses meios, mostrando-nos, assim, letrados.

Dentro da proposta de letramento em língua adicional destacamos que, para nos apropriarmos e fazermos uso desta língua em diferentes ações, buscamos formas de aproximar o nosso aluno a esse mundo “letrado”, ao oportunizarmos propostas relacionadas com sua vivência, para que ele possa perceber o uso da língua adicional em seu meio. Assim, ele fará uso das habilidades nas situações que o desafiem a refletir e também apropriar-se da língua adicional em sociedade, contemplando outros lugares em que possa utilizar-se desta língua, além da escola. Ao entrar em contato com diferentes possibilidades de uso da LA, o aluno percebe,

relaciona e dá importância ao que lhe é proposto, ao compreender de que maneira essa LA passa a fazer parte da sua vida.

Schlatter (2009) ressalta que, reconhecermos diferentes gêneros textuais em língua adicional, compreender textos escritos ou orais em algumas situações ou interagir em situações comunicativas de forma oral e/ou escrita, nos possibilita estarmos letrados em uma língua adicional. Essas possibilidades nos permitem fazer uso da língua no meio em que estamos inseridos, ao refletirmos, questionarmos e dialogarmos frente às propostas desta LA.

São inúmeras as possibilidades de oportunizarmos tarefas significativas aos alunos. Precisamos buscar formas de aproximar os conteúdos às práticas condizentes, para que o aluno possa reconhecer diferentes gêneros discursivos, refletir sobre eles e utilizá-los a fim de fazer uso da LA de maneira contextualizada e significativa, sendo oportunizado a interagir de forma letrada em inúmeras situações.

Schlatter e Garcez (2012, p. 41) acrescentam ainda que “o ensino de línguas adicionais, na escola que tem como propósito geral a formação de um cidadão capacitado a agir em cenários de grande diversidade, serve para promover o letramento do educando no mundo mais amplo”.

Ao oportunizarmos textos, tarefas e reflexões sobre o presente e questões de atualidade, oportunizamos uma relação de sentido à LA que se aprende na escola. As práticas de letramento em sala de aula promovem aprendizado, reflexão e relação ao que perpassa na realidade social do aluno. O ensino da LA colabora também com a reflexão de questões de identidade ao interagir com os outros nesse contexto. Através do aprendizado de uma LA podemos refletir sobre as questões identitárias e assim construir aprendizados sobre o mundo do outro.

Precisamos dar sentido ao que se aprende, facilitar o aprendizado através de textos autênticos, músicas, propagandas, camisetas com diferentes escritas, horóscopo. Devemos possibilitar essas vivências, a fim de que o aluno perceba o propósito da LA em seu meio, ao utilizar as práticas em seu contexto social e ao compreender que este aprendizado faz sentido para sua vida.

As aulas de LA podem ser ensinadas e vivenciadas de diversas maneiras. As concepções dos professores e a forma como são propostas as tarefas na sala de aula transparecem diferentes olhares sobre o ensino de LA. No próximo subcapítulo esboço ideias sobre algumas formas de organização das propostas pedagógicas, assim como elas se mostram relevantes nas interações em sala de aula.

### 2.3 As aulas de Língua Adicional

Para Lima e Costa (2010) apud Dias (2015, p. 93) “a estratégia social para a aprendizagem de língua que possibilita ao aluno atuar em sua zona de desenvolvimento proximal e obter e fornecer andamento pode ser propiciada por meio de tarefas que estimulam a colaboração entre os aprendizes”.

Promover o aprendizado através de tarefas possibilita aos aprendizes interagirem de forma colaborativa, assim como propicia a troca mútua, ao fazer com que dialoguem, compartilhem experiências e construam o aprendizado. Dias (2015, p. 93) corrobora estas ideias com o conceito de tarefa como “situações pedagógicas em que há colaboração entre os alunos para uma produção. ”

Segunda a autora, as tarefas provocam os alunos a trabalharem de forma que ajudem um ao outro a fim de atingirem um objetivo comum, de produzir algo. Nestes momentos, os alunos precisam dialogar, argumentar, relacionar saberes, o que gera um aprendizado de forma conjunta e significativa.

Bulla (2007, p. 109) ressalta que aprendizados colaborativos,

Além de proporcionarem momentos nos quais os participantes oferecem e pedem ajuda uns aos outros, proporcionam aos participantes momentos nos quais eles se deparam e lidam com diferenças, questionam o seu pensar e o do outro, visando à construção coletiva de um produto final também coletivo.

Ao propormos uma tarefa que propicie a troca de saberes e a ajuda mútua entre pares ou mais alunos, podemos perceber alunos de diferentes níveis linguísticos ajudarem-se mutuamente, já que no decorrer das tarefas devem ser propiciadas ações por meio das quais é preciso argumentar, refletir, repensar, sendo assim, colaborar um com o outro. Acrescentam ainda Irala e Leffa (2009, p. 25) ao retratarem que,

O construtivismo inverte a relação do aluno com o conhecimento; o aluno deixa de ser depositário de um saber que recebe passivamente do outro e passa a construir ativamente um conhecimento compartilhado, que inclui a colaboração, a afetividade e a interação com o outro.

As tarefas possibilitam a troca de saberes linguísticos e sociais, promovendo um senso de responsabilidade nos alunos pelo seu próprio aprendizado e pelo do outro, já que percebem que são capazes de contribuir com o seu aprendizado e com o dos demais. As tarefas permitem uma interação que colabora para que o aprendizado (entendido com a língua em sua forma e em seu uso social) seja construído com a participação de todos, com a autonomia dos alunos envolvidos.

Schlatter (2009) traz alguns critérios ao se produzir materiais didáticos para a aula de Língua adicional, como temas norteadores relevantes para a faixa etária; seleção de textos (escritos/áudios/vídeos); trabalhos a partir de gêneros discursivos com ênfase na sua compreensão e produção; elaboração de atividades de uso da língua e planejamento de etapas para o desenvolvimento da tarefa; uso de materiais autênticos, utilização de atividades que permitam ao aluno posicionar-se, argumentar, pedir, fazendo uso da língua; proposição de aspectos culturais; prática de recursos linguísticos, observando as variações; proposição de atividades para além da sala de aula e a sua avaliação ao término.

As aulas de língua adicional precisam estar organizadas a partir de tarefas que promovam o aprendizado desta LA. Ao realizar diferentes propostas com relação aos critérios trazidos pela autora, o professor possibilita aos alunos envolverem-se no aprendizado, assim como reconhecerem o porquê do uso da língua em seu meio.

Irala e Leffa (2014, p. 36) acreditam que “evidencia-se a necessidade de um planejamento cuidadoso como ponto de partida, esclarecendo regras bem definidas e objetivos claros, que devem ser compartilhados por todos os parceiros que formam o grupo [...]”. Ao se propor tarefas, precisamos envolver os alunos no aprendizado, a fim de que possam alcançar os objetivos propostos. Para isso, é preciso que o professor deixe claro todas as etapas ao desafiá-los às propostas, a fim de que o aluno possa reconhecer onde chegar e de que forma, ao fazer uso constante da LA nas suas propostas.

Dias (2015, p. 96) diz que “não se ensina somente a língua em si, mas há um auxílio para que os aprendizes se tornem cidadãos e ajam criticamente no mundo”. Para isso, ao se produzir diferentes materiais precisamos observar os objetivos que queremos suscitar em nossos alunos, para que eles possam fazer relações e perceber a ação desta tarefa em seu meio social, através da utilização da LA como proposta de letramento. O uso de diferentes gêneros textuais e textos autênticos

possibilitam uma relação prática e contextualiza ao se vivenciar a LA na sala de aula. Os alunos precisam aprender aspectos linguísticos, mas acima de tudo, saber fazer uso do aprendizado de diferentes formas no meio em que está inserido.

Schlatter e Garcez (2012, p. 38) afirmam que,

Na aula de Línguas Adicionais, o educando pode ver, desde o começo e cada vez mais o seu mundo ampliado e assim decidir o que nesses horizontes importa para sua vida, no seu mundo imediato. Pelas oportunidades de lidar com textos na língua adicional e valer-se para agir, ele poderá conhecer mais e, assim, compor a sua própria visão informada e atuante, capacitando-se para participar mais afirmadamente do seu próprio mundo e do mundo maior que se apresenta na sua vida como cidadão.

Portanto, ao se elaborar tarefas e diferentes materiais didáticos para as aulas de língua adicional precisamos saber claramente o que pretendemos realizar e quais as percepções de aprendizados de LA queremos despertar em nossos alunos. Precisamos motivá-lo através de textos, tarefas e diferentes atividades que possam oportunizar que atuem de forma crítica, ao refletir, utilizar e apropriar-se de uma LA na escola.

Finalizo o capítulo sobre as diferentes perspectivas de LA como proposta de letramento, ao abordar as diferentes possibilidades do uso da LA em sala de aula. As concepções abordadas nas aulas de línguas através de tarefas que promovam a interação e o trabalho colaborativo entre os alunos puderam explicitar a forma como a LA tem sido vista na atualidade. No seguinte capítulo busco discutir a educação bilíngue e a organização de um currículo dentro desta proposta de ensino. Ao pensar em uma futura tarefa pedagógica dentro de um meio educacional com estas características, acredito que seja importante ressaltar aspectos deste contexto educacional, para então compreender a proposta pensada para uma turma de alunos deste meio escolar.

### 3 EDUCAÇÃO BILÍNGUE E A CONSTRUÇÃO DE UM CURRÍCULO

A educação bilíngue vem se expandindo no decorrer dos últimos anos no Brasil. Razões diversas instigam familiares a procurarem por escolas que proporcionam esse tipo de educação. Por exemplo, Moura (2010, p. 270) traz “os fenômenos como a transnacionalização da produção, o fluxo de informações em tempo real proporcionado pelo avanço da informática e das telecomunicações, a intensificação das migrações e o decorrente aumento do interesse por línguas”.

As tecnologias e possibilidades de se fazer uso da língua em nosso meio através de intercâmbios virtuais, contato com estrangeiros em nossa sociedade e as possibilidades de acesso a diferentes informações com o uso de uma LA motivam e aumentam o interesse de pais e/ou responsáveis a buscarem por escolas que possam promover o aprendizado de uma LA desde a infância, a fim de que as crianças já cresçam em um ambiente em que duas ou mais línguas possam ser oportunizadas dentro dos currículos, através de uma educação bilíngue.

Moura (2010, p. 279) caracteriza essas escolas como “escolas bilíngues de prestígio, nas quais há o ensino em uma língua adicional, de prestígio, na maior parte das vezes o inglês”. Escolas de educação bilíngue de prestígio oportunizam o ensino de uma LA incluindo em seu currículo o aprendizado de uma língua adicional de sua escolha, muitas vezes o inglês, por ser uma língua falada internacionalmente. As escolhas da língua variam pelo contexto cultural do meio em que a escola está inserida ou escolha da escola no aprimoramento do seu currículo.

Silva (2010, p. 309) ressalta que “o acesso às línguas de prestígio internacional é privilégio de poucos e por isso revela um caráter mais elitista de educação”. Essas escolas de educação bilíngue geralmente demandam maiores recursos econômicos, uma mensalidade de custo mais elevado e restringem o seu acesso a algumas classes, ao considerar que nem todos possuem condições de arcar com essa despesa, mesmo que tenham desejo deste investimento pessoal. Em nosso país não existem ainda escolas públicas que ofereçam a proposta de currículo bilíngue.

As escolas de educação bilíngue possuem o desafio de ensinar uma LA adicional, segundo (HAMERS e BLANC, p. 189 e 200) apud Moura (2010, p. 277) “por meio de duas línguas, de forma que as línguas não são apenas objeto de estudo, mas também meios pelos quais outros conteúdos são ensinados e

aprendidos”. Essas escolas promovem o aprendizado da LA como meio de ensino de diferentes disciplinas que são promovidas na escola. Dentro desta realidade os alunos utilizam a LA no cotidiano escolar para aprender sobre diferentes disciplinas que são contempladas no currículo dessas instituições e que são escolhidas pela escola para serem ministradas através de uma LA. O currículo é elaborado de forma a abranger o ensino determinado para a faixa etária, e proporcionar os respectivos conteúdos coerentes com a série.

Segundo Moura (2010, p. 280) “é preciso lembrar que ainda não há no Brasil nenhum órgão que regulamente as diversas modalidades de educação bilíngue que começaram a surgir recentemente”. No Brasil, ainda não há regulamentações e documentos que orientem as escolas à construção do currículo bilíngue. Fica sob responsabilidade da equipe pedagógica das instituições a busca por orientações a partir do que acreditam e priorizam dentro de sua proposta pedagógica.

Moura (2010, p. 280) ressalta que,

Os alunos precisam aprender uma série de conhecimentos exigidos, denominados de Base Nacional Comum, elencados pelas autoridades educacionais nacionais ou locais, presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais e nos documentos e orientações publicados pelas secretarias de educação, que supervisionam as escolas.

Portanto, ao se construir um currículo bilíngue precisa-se de um respaldo da Base Nacional Comum, a fim de que os conhecimentos considerados relevantes para o ensino em nosso país sejam considerados ao ser implementada uma LA como meio de aprendizado das disciplinas. Elas precisam contemplar as diferentes áreas de conhecimento e se fazerem presentes de modo a atingir os objetivos do ano e conteúdos das disciplinas por meio de uma LA.

O currículo bilíngue oportuniza a possibilidade de se trabalhar de forma interdisciplinar ao pensarmos que a língua é usada como meio de ensinar os conteúdos, que podem ser exploradas de maneira globalizada com os conteúdos determinados no currículo, assim como, ao interagir com professores de outras línguas. Moura (2010, p. 287) relaciona isso com o fato de que “o currículo é organizado em torno de um princípio amplo que abrange todas as áreas que compõem, de forma interdisciplinar”. Promover a interdisciplinaridade demanda

flexibilidade de se pensar em diferentes disciplinas de forma integrada, ao olhar para as possibilidades de se trabalhar diferentes conteúdos de maneira a contemplar objetivos comuns, e dentro da LA isso se torna facilitado pelo fato de utilizar a língua nessas diferentes situações.

Moura (2010, p. 288) ressalta que “[...] pensando no ser humano como alguém que interage ativamente com o conhecimento, reconstruindo-o e dando significado às experiências por meio da interação e da cultura [...]” o ensino da LA dentro de um currículo bilíngue possibilita o ensino através de interações sociais, participação em propostas que o indivíduo possa utilizar a LA de modo a resolver situações de seu meio, ao possibilitar que ele desenvolva o aprendizado da LA de maneira que possa interagir nas situações de seu cotidiano, ao pensar sobre os diferentes conhecimentos adquiridos nas diferentes disciplinas, ao argumentar em situações que lhes são propostas e assim pensar/utilizar essa língua de modo que sirva como meio de aprendizagem.

Moura (2010, p. 294) ressalta que “sabemos que estar na posição de delinear, construir e realizar um currículo neste momento de tantas mudanças e desafios é um grande privilégio e uma enorme responsabilidade. Assim como é educar”. Ao se construir um currículo bilíngue é preciso refletir sobre o conceito de LA que se tem, refletir de que forma podemos oportunizar tarefas e propostas de letramento em que o educando possa utilizar a língua de modo que pense sobre o significado dela em seu meio e ainda que saiba de que forma poderá fazer uso dela de forma significativa em situações de seu cotidiano escolar.

No próximo capítulo trago a descrição da escola de currículo bilíngue Viver, a fim de se conhecer sobre o contexto em que uma tarefa de aula de culinária foi planejada. A tarefa foi pensada ao se conhecer sobre a organização curricular desta escola, o estímulo que essa instituição dá à prática desta atividade, assim como o interesse e entusiasmo que os alunos demonstram ao se envolverem nas aulas de culinária. A falta de tempo impossibilitaria a realização e a análise de dados. Contudo, em breve a tarefa será efetivada com a turma e uma reflexão sobre o seu desenvolvimento será enriquecida em decorrência da realização desse estudo.

## 4 A ESCOLA VIVER

A Escola Viver é uma instituição cristã confessional e privada localizada numa cidade populosa no Vale dos Sinos. Essa instituição faz parte de uma rede de três unidades de ensino, com alunos de classe média alta. A instituição é pioneira na implementação de uma proposta de currículo bilíngue há mais de dez anos.

Como faço parte deste contexto escolar, acompanho esta história desde a metade de sua trajetória, ouvindo constantemente os relatos de como foi o início da implementação do currículo, os receios, a escolha da língua, assim como todas as expectativas que foram pensadas para que essa proposta desse certo.

A escolha da Língua Adicional foi feita através de questionário respondido pelos pais da escola. Pelo fato de a escola estar situada no Vale do Rio dos Sinos, local habitado por um considerável número de descendentes alemães, pensou-se que os pais optariam pela língua adicional alemã. Porém, a maioria das famílias decidiu pelo ensino da Língua Inglesa, considerando a importância do aprendizado desta LA para o futuro das crianças, uma vez que é a língua falada internacionalmente no universo acadêmico e dos negócios. Esse fato veio ao encontro da ideia inicial da escola, que já percebia nesta língua sua relevância na comunicação global.

No início, o currículo bilíngue contava com quatro turmas: duas turmas de educação infantil (níveis 4 e 5) e duas turmas de ensino fundamental (1º ano, na época 1ª série), lecionadas por duas professoras de Língua Inglesa, licenciadas em Letras.

Os primeiros anos foram de muitos experimentos e muitas famílias mostravam-se inseguras ao verem suas crianças vivenciarem 9 períodos de Inglês por semana, em comparação aos poucos minutos que eram dedicados a essa língua no currículo anterior. Com o passar dos anos, os familiares puderam ver o quanto estava sendo positiva a proposta da escola e o quanto os alunos estavam aprendendo. O número de turmas foi crescendo e a cada ano a escola tinha o desafio de implementar turmas novas e contratar novos professores, os quais, por sua vez, tinham o desafio de preparar novos planos de trabalho que fossem ao encontro da nova proposta pedagógica bilíngue.

Atualmente, a escola possui 372 alunos, sendo a maior parte deles do currículo bilíngue. Apesar de os alunos dos níveis 2 e 3 assistirem aula de Língua

Inglesa duas vezes por semana, eles ainda não fazem parte formalmente do currículo bilíngue.

Cada turma do currículo bilíngue possui duas professoras que são responsáveis pelo grupo: a professora de língua materna e a professora de língua inglesa. Cada série tem um plano de estudos com os conteúdos separados por áreas do conhecimento, a partir de estudos feitos pela escola e conforme orientações legais educacionais.

Cada professora tem sua carga horária distribuída dentro da grade de horários do quadro das turmas abaixo:

Turmas	Carga horário/ Língua Materna	Carga horária/Língua Inglesa
Níveis 4 ao 1º ano do EF	20 horas	9 horas/aula de 50 minutos cada
2º ao 4º ano do EF	20 horas	10 horas/aula de 50 minutos cada <ul style="list-style-type: none"> <li>• 4º ano possui uma hora aula de Língua adicional espanhol</li> </ul>

Nas turmas de 5º e 6º anos os alunos passam a ter a disciplina de Inglês regular (gramática) e Inglês aplicado, na qual o/a professor/a de língua inglesa trabalha uma disciplina (ciências, matemática, história...) em Língua Inglesa.

A escola enfatiza a importância de se oportunizar o aprendizado das quatro habilidades, respeitando a etapa de aprendizado de cada faixa etária. Os alunos menores têm o foco do ensino na habilidade oral, sendo propostas atividades lúdicas, jogos e brincadeiras, através das quais os educandos aprimoram gradativamente sua oralidade.

Aos poucos são trabalhadas as quatro habilidades, a partir de diferentes tarefas que promovam a reflexão quanto ao uso da língua, através de diferentes gêneros textuais, atividades nas diferentes áreas do conhecimento e ao se falar somente em Inglês durante as aulas.

A partir do trabalho em parceria entre a professora de língua materna e a de língua inglesa, há momentos em que esses professores atendem os alunos de forma conjunta, os quais nomeamos de “períodos de duplicidade”. A professora de Língua Inglesa é a referência e responsável por planejar a aula dentro de suas propostas e

conteúdos nesse horário e a colega de língua materna participa também desta aula, ao auxiliar os alunos e ao fazer intervenções necessárias neste momento.

Como a escola oportuniza este trabalho em parceria, os professores também procuram trabalhar de forma colaborativa, através de projetos de estudos, nos quais passam a pensar em temáticas de interesse dos alunos, ao trabalharem os mesmos conteúdos em suas propostas em sala de aula, o que oportuniza um trabalho em duas línguas e de maneira globalizada. As vivências que acontecem através de projetos permeiam diferentes conteúdos dentro do currículo. Nas reuniões pedagógicas os professores possuem oportunidades de planejamento de forma coletiva, refletindo com os colegas sobre atividades possíveis para sua turma, dentro do projeto de estudos.

A escola também conta com uma cozinha escola, que foi equipada para proporcionar *cooking classes* (aulas de culinária), a fim de que os alunos possam experienciar aulas de culinária em língua inglesa, preparando diferentes receitas e vivenciando de forma colaborativa essa experiência em grupo.

Através desta experiência, pode-se explorar o gênero textual receita para o preparo de diversos pratos para as turmas ou para presentear os familiares nas diferentes datas (ex.: dia dos pais e dia das mães), como é de costume. Também é possível trabalhar conteúdos de outras áreas do conhecimento, como ciências, matemática, entre outros.

A escola possui parceria com a Universidade de *Cambridge* pois acredita ser importante acompanhar o conhecimento de língua inglesa do aluno, através de exames realizados, tais como: *YOUNG LEARNERS, STARTERS, MOVERS E FLYERS*. A escola optou por fazer esta parceria, porque confia na credibilidade dessas provas.

É importante ressaltar que a escola proporciona dentro do currículo atividades culturais por meio das quais os educandos possam vivenciar, dialogar e discutir sobre diferentes aspectos culturais de países falantes da língua Inglesa e os relacionar com a cultura local na qual estão inseridos. A partir destas propostas, os estudantes são oportunizados a discutir sobre datas comemorativas de diferentes países falantes da língua inglesa, variações linguísticas, alimentação e diferentes hábitos de pessoas de diferentes culturas, aspectos estes importantes no aprendizado de uma língua adicional.

Neste ano a escola conta com uma nova disciplina dentro da aula de Língua Inglesa – a Programação. Através das aulas de programação em língua inglesa, os alunos trabalham diferentes conceitos de programação e lógica. A escola possui uma parceria com a plataforma de ensino da *GOOGLE*. As professoras de Língua Inglesa foram capacitadas para ministrar essa disciplina, através de diferentes plataformas de ensino, aplicativos e atividades que possam ser realizadas *off-line*, que são nomeadas como atividades desplugadas, em outras palavras, são atividades que envolvem conceitos de lógica e que não necessitam acontecer de forma *online*, uma vez que são propostas através de jogos, atividades e diferentes tarefas com os mesmos objetivos já mencionados.

A escola e equipe pedagógica demonstram constantemente a importância de se revisitar o currículo e realizar mudanças necessárias. A cada ano busca-se inovar com novas propostas, assim como novos desafios para os docentes e discentes, por caracterizar-se como um currículo inovador, desafiador e comprometido com uma proposta pedagógica de qualidade.

Ao destacar-se todos os aspectos relevantes da escola para o entendimento deste trabalho, busco relatar sobre a turma de segundo ano do Ensino Fundamental do currículo bilíngue. Através da descrição da turma, procuro mostrar a relevância desta tarefa para estes alunos em foco, assim como relacionar algumas características dos discentes a fim de se justificar cada etapa da tarefa de aula de culinária elaborada para esta turma.

#### **4.1 A turma e as aulas de Língua Adicional**

A turma do segundo ano do Ensino Fundamental do Currículo Bilíngue possui 17 alunos, sendo 10 meninos e 7 meninas. Dos 17 alunos, 7 deles ingressaram no currículo bilíngue no 1º ano e 1 no 2º ano, integrando-se aos outros colegas que já estudavam na escola desde a educação infantil.

O grupo de alunos desta turma mostra-se muito participativo nas aulas de Língua Inglesa. Envolvem-se nas propostas com espontaneidade, gradativamente evoluindo nos desafios em língua inglesa, como o da leitura e escrita no idioma, o que dia a dia vem sendo sistematizado sempre com respeito às particularidades de cada aluno.

As aulas de Língua Inglesa acontecem diariamente, distribuídas em 10 períodos semanais. Nessas aulas, a *teacher* faz uso desta LA para se comunicar com os alunos ao ensinar diferentes conteúdos a partir do plano de trabalho do ano. A cada dia são planejadas propostas que oportunizem o aprendizado de diferentes áreas do conhecimento, como Matemática, Ciências, Educação Física, Educação Artística, entre outras, através desta LA.

Os alunos possuem o livro didático *Super Minds – 1* da Editora Cambridge, que possibilita relacionar os conteúdos do ano através deste material, o que oportuniza atividades de *reading, speaking, listening e writing*. O livro serve como apoio pedagógico para o professor, a fim de que possa oportunizar atividades que promovam o trabalho das quatro habilidades, além das propostas que já são realizadas em sala de aula, criadas pela professora de Língua Inglesa.

A turma também possui a disciplina de programação/ *programming* em Língua Inglesa, que tem o objetivo de explorar e desenvolver a lógica, a criatividade, a resolução de problemas e o trabalho colaborativo, com e sem o uso de *tablets*, ao explorar conceitos de programação através de brincadeiras e atividades práticas.

Os alunos mostram-se muito contentes ao participarem das aulas de culinária/*cooking class*. Nessa oportunidade, participam de um momento de preparo de uma receita, aprendem sobre os ingredientes e etapas deste gênero textual ao manusearem também diferentes utensílios. A cada passo, os alunos participam de forma a utilizarem a Língua Inglesa para interagir nas propostas de maneira espontânea, ao ler o modo de preparo da receita e acompanhar junto com a *teacher* os procedimentos para o preparo de diferentes alimentos.

Portanto, a escolha de uma tarefa pedagógica com a realização de uma aula de culinária, surgiu da forma como se mostram motivados em participar desta prática dentro desta escola, assim como o quanto interagem nestes momentos ao fazer uso da Língua Inglesa nas interações propiciadas por esta tarefa.

Ao pensar na tarefa, os estudos feitos durante o trabalho foram considerados importantes em cada etapa desta, a fim de relacionar a teoria com a prática que se pretende realizar neste grupo, dentro da aula de LA. A tarefa será descrita por etapas e explicada a fim de que se perceba a importância de todas as fases de elaboração.

A elaboração da tarefa oportunizará as crianças compreenderem e sistematizarem o gênero textual receita a partir desta aula de culinária. Os alunos

terão a oportunidade de interagir com uma prática que já é familiar ao grupo para agregar novos conhecimentos e assim enriquecer o uso da LA a partir desta proposta de letramento tão presente na vida destes educandos.

#### **4.2 Proposta de tarefa: aula de culinária**

A partir das reflexões sobre trabalhar a LA como proposta de letramento e de oportunizar tarefas significativas que possam envolver o educando no ensino de uma LA, trago esta tarefa a fim de explorar o gênero textual receita, através de uma aula de culinária na turma escolhida. Irala e Leffa (2014) ressaltam a importância de se esclarecer os objetivos e onde se quer chegar quando se planejam as tarefas em sala de aula, portanto, o envolvimento e o engajamento do aluno será valorizado, a fim de que ele saiba quais os objetivos da tarefa e onde se deseja chegar com ela.

Com esta oportunidade, as crianças poderão participar do preparo e desenvolvimento da receita, a fim de que possam observar as etapas deste gênero textual e assim utilizá-lo em seu meio social, seja de forma prática em seu cotidiano familiar ou ao assistir programas de televisão que vivenciem atividades deste estilo. Abaixo, seguem as etapas da tarefa:

Tarefa pedagógica: trabalhar o gênero textual receita através do preparo de um Bolo de Laranja/ *Orange Cake*.

1) Desafio da descoberta dos ingredientes (*ingredients*): A professora lançará a ideia de preparem um bolo de laranja na aula de culinária. Porém, os alunos terão o desafio de descobrir quais os ingredientes que serão utilizados para o preparo da receita. Eles serão orientados para o fato de que a organização dos ingredientes é o primeiro passo ao se preparar algo na cozinha.

Os alunos sentarão em círculo junto com a professora, que colocará imagens de diferentes ingredientes sobre o tapete, a fim de que falem suas hipóteses sobre quais serão necessários para o preparo do bolo de laranja. Os alunos utilizarão a língua inglesa para falarem sobre suas hipóteses e poderão ajudar uns aos outros na elaboração de suas sugestões.

Imagens que serão utilizadas: foto de uma laranja/ *orange*, açúcar/ *sugar*, óleo/ *oil*, ovos/ *eggs*, farinha/ *flour*, fermento/ *baking powder*, sal/ *salt*, feijão/ *beans*, arroz/ *rice* e massa/ *pasta*.



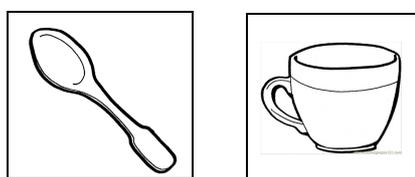
Enquanto os alunos realizam suas hipóteses, separaremos os ingredientes escolhidos. Ao final, a professora falará quais ingredientes serão utilizados e os alunos analisarão as hipóteses que haviam sido ofertadas.

Esta etapa corrobora com o que Celani (2009) destaca como relevante no ensino da LA nas escolas. Ela acredita que ao se promover tarefas em sala de aula é preciso oportunizar o uso de materiais que as crianças utilizem também fora da sala de aula, como os rótulos das embalagens do momento inicial. Portanto, é preciso relacionar o que se propõem à realidade do aluno para que se possa aproximar as aprendizagens, a fim de que o aprendizado se torne motivador e relevante para seu contexto.

2) Assim que relacionarem os ingredientes que serão utilizados na receita, a professora alcançará a eles desenhos dos utensílios que servem como unidade de medida ao se preparar uma receita, como xícara e colher de chá. Essas fotos serão alcançadas aos alunos através de cópias (haverá várias cópias da mesma gravura para manuseio), a fim de que possam utilizar as gravuras e colocar a quantidade de ingrediente que será necessário em cada um dos itens trazidos na mesma. Utilizaremos as figuras da atividade anterior e as abaixo, a fim de que coloquem o número de xícaras ou colheres que serão utilizadas. Exemplo:

1 TABLESPOON BAKING POWDER =  

Figuras que serão utilizadas (10 figuras iguais de cada):



Através deste momento de reflexão sobre a quantidade de ingredientes, o aluno aprende a desenvolver habilidades matemáticas de contagem e relação de quantidades dos ingredientes que serão utilizados na receita. Moura (2010) destaca a organização de um currículo bilíngue com possibilidades de se trabalhar de forma interdisciplinar. Através de diferentes propostas e conteúdos que perpassam dentro do currículo, os alunos podem desenvolver habilidades das diferentes áreas do conhecimento ao fazer uso da LA nas aulas de língua estrangeira. É importante ressaltar que, as etapas sugeridas acima levarão em torno de duas horas/aula (50 minutos cada).

3) Assim que organizarem os ingredientes e suas respectivas quantidades com as figuras, a professora colocará um cartaz no tapete com diferentes verbos de ação (e gravuras) que possam aparecer na receita. Juntos, os alunos lerão os verbos escritos no cartaz e pensarão se é possível utilizar aquele verbo na receita. Caso não saibam o significado do verbo, a professora auxiliará, ao explicar o seu significado para os alunos. Um aluno de cada vez circulará os verbos que serão usados no preparo da receita. Os verbos em **negrito** serão os utilizados na receita. A inserção de figuras auxilia o reconhecimento dos verbos, ao considerar que alguns alunos se encontram em processo de alfabetização, portanto as imagens facilitarão as crianças a participarem do momento, através da oralidade.

<b>BLEND</b> 	<b>COOK</b> 	<b>DRIVE</b> 	<b>SIFT</b> 	<b>STIR</b> 
<b>EAT</b> 	<b>BAKE</b> 	<b>COLOR</b> 	<b>POUR</b> 	<b>PLAY</b> 

4) Assim que finalizarem esta etapa, a professora disponibilizará um jogo de *Match*, no qual ela registrará em fichas as etapas do preparo do bolo de laranja. As fichas serão individuais e os alunos deverão ligar a ficha com a descrição do procedimento através de uma figura correspondente à esta etapa. Os alunos poderão participar de forma voluntária e poderão auxiliar um ao outro na leitura dos

procedimentos. Assim que acharem todos os pares (descrição do procedimento e figura), eles tentarão organizar, de maneira colaborativa, a ordem da receita para que depois visualizem a versão descrita pela professora e a comparem com a sua própria. Um aluno receberá a receita em mãos a fim de que seja lida para o grande grupo e, assim, analisar a sua organização com aquela que fizeram no tapete anteriormente.

Souza e Dias (2009) ressaltam o quanto uma aula de LA pode ser rica e que nela podem ser abordados aspectos que façam com que o aluno construa/reconstrua seus aprendizados, e não seja apenas um momento de aprendizado de regras gramaticais. Esse momento de tarefa faz com que os alunos colaborem uns com os outros e que tenham que construir conhecimentos a partir do que sabem sobre suas vivências de aula de culinária, assim como sobre os verbos que aparecem no desenvolvimento da receita.

Fichas das etapas da receita:

<p><b><i>SIFT THE FLOUR AND BAKING POWDER TOGETHER.</i></b></p>	
<p><b><i>USING A BLENDER, BLEND THE ORANGE, SUGAR, OIL AND EGGS UNTIL SMOOTH.</i></b></p>	
<p><b><i>ADD THE BLENDED MIXTURE TO THE FLOUR, AND MIX THEM WELL TOGETHER.</i></b></p>	
<p><b><i>POUR THE MIXTURE INTO A GREASED TRAY.</i></b></p>	
<p><b><i>BAKE IN A PREHEAT OVEN, 150 DEGREES FOR 40 MINUTES.</i></b></p>	

***EAT THE ORANGE CAKE.***



Receita do bolo de laranja:

**ORANGE CAKE**

***INGREDIENTS:***

- 1 LARGE ORANGE (WITH SKIN)*
- 1 CUP SUGAR*
- 1 CUP OIL*
- 3 EGGS*
- 2 CUPS FLOUR*
- 1 TABLESPOON BAKING POWDER*

***PROCEDURE:***

- 1. SIFT THE FLOUR AND BAKING POWDER TOGETHER*
- 2. USING A BLENDER, BLEND THE ORANGE, SUGAR, OIL AND EGGS UNTIL SMOOTH.*
- 3. ADD THE BLENDED MIXTURE TO THE FLOUR, AND MIX THEM WELL TOGETHER.*
- 4. POUR THE MIXTURE INTO A GREASED PAN.*
- 5. BAKE IN A PREHEAT OVEN, 150 DEGREES FOR 40 MINUTES*
- 6. EAT THE ORANGE CAKE.*

Estas etapas da tarefa levarão em torno de dois períodos de aula (50 minutos cada). Schlatter (2009) afirma que, ao compreendermos diferentes gêneros textuais e interagimos nas propostas de forma oral e escrita, nos tornamos letrados em uma LA. Portanto, ao oportunizarmos os alunos o contato com aulas que promovam a reflexão através da língua podemos promover um aprendizado significativo e que visa a utilização desta LA no dia a dia.

5) Na aula seguinte, a professora e os alunos prepararão a receita do bolo de laranja na cozinha da escola. Os alunos organizarão os ingredientes sobre a mesa e terão o desafio de lembrarem as etapas da receita de modo a coordenar o preparo do bolo, e fazer uso da língua inglesa no momento de falarem sobre o procedimento. Durante a receita, a professora coordenará a tarefa e os alunos auxiliarão nas etapas, ao selecionarem os ingredientes, participarem de maneira colaborativa, assim como trabalharem na organização da limpeza dos utensílios ao final da *cooking class*. Esta etapa da tarefa levará em torno de dois períodos (50 minutos cada).

Ao retornarem à sala de aula, a professora registrará a receita no quadro com o auxílio dos alunos. Os educandos falarão as etapas da receita e a professora as registrará no quadro para que sejam copiadas, dando ênfase às etapas do gênero textual receita (organização da estrutura). Ao terem o registro no caderno, os alunos poderão preparar o bolo de laranja com as famílias, em casa e, assim, expandir as vivências escolares para seu meio familiar.

6) Objetivando o produto final e como tema de casa, os alunos discutirão junto com a família uma receita de algo que costumam fazer no meio familiar. Com a ajuda da família, tentarão registrar a receita em LA, de modo que todos tragam uma receita nova para o grupo. A professora dará o auxílio necessário para as dúvidas que não possam ser sanadas em casa. Assim, em grupos, os alunos poderão ler as receitas trazidas pelos colegas e verificar a coerência da estrutura do gênero textual, assim como os ingredientes e procedimentos das receitas, a fim de que, ao final, se construa um *Cooking Book*, nosso produto final.

Bulla (2007) fala da importância de atividades como essa, em que os alunos solicitam e oferecem ajuda e ainda questionam sobre as diferentes ideias para fazer um produto final. Os alunos criarão uma capa para o livro de receitas e a professora auxiliará na organização das receitas de modo que, depois, tenham esse registro para compartilhar em casa e utilizar nos momentos que acharem relevantes.

A partir desta proposta de letramento vemos o quanto podemos oportunizar aulas de LA que se relacionem com as vivências de nossos alunos e assim oportunizamos tarefas que promovam reflexões sobre a língua alvo em estudo. Através desta tarefa de culinária os alunos terão a oportunidade de interagir na proposta, conhecer diferentes ingredientes ou etapas de realização da receita. Dias (2015) enfatiza que, ao se ensinar uma língua, se ensina a agir de forma crítica no

mundo. Portanto, envolver-se em tarefas pedagógicas como a proposta planejada, os propicia uma oportunidade de pensarem de que modo utilizarão a língua em outros momentos, sejam eles ao assistirem programas de televisão, ao realizarem uma receita com os familiares, ao pesquisarem sobre diferentes receitas na internet, etc.

Como produto final, as crianças produzirão um livro de receitas e, através dele, poderão vivenciar a prática culinária junto a familiares e amigos e assim serem estimulados para o aprendizado e para o uso da LA em seu meio.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho busquei compreender a realidade do ensino de LA no contexto educacional brasileiro. Diferentes demandas no ensino da LA nas escolas surgiram ao se discutir questões, como: estruturas das escolas, número de alunos por turma, falta de materiais nos meios educacionais e a falta de estímulo da habilidade oral em diferentes contextos de ensino.

A busca pela definição de LA (língua adicional) como um conceito atual utilizado nos meios acadêmicos, permitiu a reflexão sobre a língua adicional como algo que agrega na vida dos educandos, a partir dos pressupostos de língua adicional como algo que permite acrescentar conhecimentos sobre uma sociedade, ao se refletir sobre a nossa língua e assim fazer com que os alunos possam refletir de que forma a LA faz parte de seu contexto social.

Os conceitos de letramento como função social para a leitura de mundo permitiram um olhar particular para propostas de ensino em salas de aula de LA, a fim de que sejam pensadas de forma relevante e significativa para os alunos, ao possibilitar que percebam e utilizem uma língua no meio social em que vivem. Discutiu-se que, através de diferentes situações do cotidiano e tarefas significativas em sala de aula, como: intercâmbios virtuais, reconhecimento da LA em músicas, camisetas e aulas de culinária, possibilita que os alunos percebam de que forma esta língua se encontra em nossa sociedade e faz sentido para o meio que os cerca.

Questões de educação/ currículo bilíngue foram discutidas, a fim de que se pudesse conhecer a realidade educacional para a qual a proposta aqui apresentada foi elaborada, ao considerar faixa etária, número de alunos por classe e organização curricular da turma. Ao observar essa realidade foi possível pensar em uma tarefa de *cooking class* a fim de possibilitar o uso da LA nesta proposta.

Uma proposta de tarefa foi planejada para que se refletisse sobre as possíveis práticas de letramento em sala de aula em uma turma de 2º ano de um contexto educacional bilíngue. A partir da tarefa, pensada de forma a realizar uma sequência de propostas, uma aula de culinária foi elaborada para que os alunos pudessem vivenciar a prática deste tipo de tarefa, a fim de conhecer a estrutura do gênero textual receita e acompanhar diferentes propostas até chegar a um produto final: a *cooking book*. As etapas foram pensadas de maneira a respeitar o estágio de desenvolvimento cognitivo dos alunos de acordo com a sua idade e os diferentes

conceitos trabalhados durante a tarefa, a fim de relacionar a teoria com a prática de sala de aula, ao mostrar como são possíveis tarefas que promovam o letramento em LA.

Acredito que este trabalho oportunizará um olhar diferenciado para o ensino de LA como proposta de letramento social, em nossas salas de aula. Espero que ele possa instigar os professores a buscar constantemente novos saberes e experiências nas aulas de LA.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira.** Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

BULLA, Gabriela da. **A realização de atividades pedagógicas colaborativas em sala de aula de português como língua estrangeira.** Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

CELANI, Maria Antonieta Alba. **Não há uma receita no ensino da Língua Inglesa.** Disponível em: <<http://novaescola.org.br/lingua-estrangeira/fundamentos/nao-ha-receita-ensino-lingua-estrangeira-450870.shtml>> Acesso em: 21 de maio de 2016.

DE SOUZA, Antônio Escandiel; DIAS, Clarisse Nicolodi. **O ensino da língua estrangeira na escola pública e as proposições dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs): um estudo reflexivo.** Disponível em: <<http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem/edicao20/reflexoes/001.pdf>> Acesso em: 20 de abril de 2016.

DIAS, Vanessa Logue. ***Can you speak English at school? Yes, we can!*: análise e propostas para a produção oral em língua inglesa na coleção *It fits* do PNL D 2014.** Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação em Linguística - UNISINOS, São Leopoldo, 2015.

LEFFA, Vilson J. IRALA, Valesca B. **Uma espiadinha na Sala de Aula. Ensinando Línguas Adicionais no Brasil.** Pelotas: Educat, 2014.

ROCHA, Cláudia Hilsdorf. TONELLI, Juliana Reichert Assunção. SILVA, Kleber Aparecido da. **Língua Estrangeira para Crianças: Ensino-aprendizagem e formação docente.** 7ª edição. São Paulo: Pontes, 2010.

SCHLATTER, Margarete. GARCEZ, Pedro de Moura. **Línguas adicionais na escola: aprendizagens colaborativas em Inglês.** Erechim: Edelbra Ltda., 2012.

SCHLATTER, Margarete. **O ensino de leitura em língua estrangeira na escola: uma proposta de letramento.** (11-23) Revista Calidoscópico, Vol. 7, No. 1, 2009.

SOARES, Magda. **Português: uma proposta para o letramento.** São Paulo: Moderna, 1999.